

BANDO ESCOLÁSTICO

RECITADO EM 5 DE DEZEMBRO DE 1917, PELO ESTUDANTE DO QUINTO ANO

Fausto de Menezes Leite Pinto Mourão



Recordar é viver — reza assim um ditado.
Se lembramos um feito, um acto já passado.
Fomos grandes também e cobertos de glória,
Em tempos que lá vão, segundo diz a História.
Passado aventureiro, heróico e grandioso,
Senhor's da Terra e Mar, paiz maravilhoso!
Se outrora Nicolau vos dava que falar
Não há motivo algum p'ra se não festejar
O Santo, o nosso guia, o nosso protector,
O pai da mocidade, exímio salvador.
Se a Festa não tem brilho uzado em tempos idos
Que não julguem em nós os ânimos perdidos.
Sem aquele esplendor, sem galas e aparato,
P'rá gente o festival não passa a caricato.
Existe a tradição e éla há de reviver,
Enquanto no Liceu um estudante houver.

Oh mestres do Liceu, insignes professores,
E que nos resistis á cabulice arteira!
Queremos vos pedir uns naturais favores
P'ra bem do estudante e da sua carreira:
Que a Festa a Nicolau a mal não a leveis,
A Festa iniciada em épocas remotas;
Auxilio para nós—fútuos bachareis,
Que passemos no fim com lindissimas notas.

Já que falando estou do bom professorado
E' justo agradecer, com toda a simpatia,
O bem com que dotou nosso liceu amado
Ao illustre senhor *Conego Zé Maria*.
Se inda não funciona o *central* em questão,
A culpa de quem foi? Se nisto não me engano,
Devemos estender sinceramente a mão
Ao nóvel bacharel—augusto *Mariano*.

A vida actualmente ás almas causa dor.
Dois campos desiguais—qual dêles o melhor?
Por um lado a guerra úteis braços consome,
Por outro lado então vai imperando a fome.
A caso vós sabeis o que seja morrer
A' mingua dum só pão, para o corpo entreter?
Mesmo á falta dum caldo, umas ervas até;
O sustento dum pobre, a misera ralé?
O azeite encareceu, o milho e o feijão
Subiram a um preço tal que fere o coração.
E o cortejo da fome—o povo da desgraça,
Engrossa dia a dia, e pelas ruas passa,
Cabisbaixo, impaciente, aflito, esfarrapado,
Olhos rubros de fôgo, o rosto espesinhado;
Crianças de tenra idade estropiando ás portas,
A's horas do jantar, de noite a horas mortas.
Vai aumentando sempre e sempre o aluvião
Que nos confrange a alma, a vida, o coração.
E morre um esfaimado a um canto—cão rafeiro,
Pró açambarcador encher-se de dinheiro.
—Açambarcador vil: escroque já sem nome,
Que levas a qualquer parte a miseria, a fome:
Tu hás de ter um fim, ao mal que tens causado,
Mais triste que um cão ás vozes de danado!

Por sua vez a guerra indómita, infernal,
A pouco e pouco vai levando Portugal
A' grave derrocada, ao abismo profundo.
Sem forças, tão velhinho, a pelejar no mundo,
A gastar o melhor, a ruinar o que tem,
P'ra levar no final o pontapé d'alguém.
Triste futuro o nosso, incerto, vão destino...
Ou não fossemos nós pais tam pequenino.

O brilho auroreal de todo o estudante
Enérgico defende a sua aspiração,
Indo de encontro ás leis dum Ministro pedante,
Fracco legislador na pasta da Instrução.

Quando dirijo a vista ao cimo da montanha,
Onde situada fica a encantadora Penha,
A qu'rer chegar ao Céu e ao vasto Infinito...
Eu ponho-me a pensar a sério, já se vê,
Como pode nascer um moderno *chalet*,
Na baze dum rochedo ou fendas de granito?...

E quando eu cerro a vista e me ponho a pensar
Nas findas eleições que deram que falar,
Com bomba e tiroteio e chapelada bela;
Pergunto: valerá, nos tempos actuais,
Sentar-se feito réu, nos sérios tribunais,
Um pacato senhor por causa da *gamela*?
Das eleições aqui o povo o que nos diz?
Por ventura haverá um cidadão que as louve?
Foi mais uma vergonha, um'scarro no paiz,
Que nos faz perguntar, em voz alta:—*O que couve?*

Há pouco tempo ainda a morte nos levou
Um homem santo e bom, um nobre de valia;
O nosso coração de crepes se enfeitou
E lágrimas de dôr verteu a academia.
Amigo da pobreza e mais de toda a gente,
De carácter sincero, alma de estimação;
Homem já tão velhinho, a sorrir meigamente,
Fugindo para Deus—*José Martins (Aldão)*

Jenónimo Sampaio, o conceituado agente
Da *Sagres* companhia, em pleno povoado,
Previne Guimarães, em pêso, altivamente,
Do seguinte a saber: todo o homem honrado
Que um seguro desejo ou haja de o fazer
Jentileza fará (o caso nunca esquece)
De sempre o procurar, se assim lhes aprouver,
Pelo que desde já muitissimo agradece.

Ao norte do país, na provincia do Minho,
De há séculos que existe um fresco quarteirão
De terra bem pequeno, airoso, tratadinho
Co'o devido cuidado, amor e perfeição;
Ao norte do país, dêste pais risonho
Onde paira um castelo a verdes guarnecido,
Demonstrando ao porvir seu passado grandioso,
De quantos é amado e de quantos foi qu'rido;
Ao norte do país, á *beira mar* plantado,
De paisagem soberbo—aspecto divinal!
Existe um canteirito alegre e perfumado,
Um mimoso jardim como não há igual,
Onde viceja o goivo, a trepadeira mansa,
A dália, o jasmim, o cravo, a saúdade, o lirio,
A camélia, o bem-me-quer, um sonho, uma esp'rança...
Que nos faz desvairar ao ponto do delirio!
Um canteiro tão lindo, ameno e salutar,
Como não se verá assim em qualquer parte...
—Que fada desceria à terra a imaginar
Canteiro tão gracil, com tanto mimo e arte?
As flôres do jardim, tão lindas, perfumadas,
Sois vós, damas gentis, oh deusas delicadas!
E o canteiro florido—a quem nós tanto qu'remos,
A velha Guimarães—torrão onde nascemos!

Após este silêncio um barulho infernal.
Embora uns rufem bem e os outros toquem mal,
Rapazes que empunhais um bombo ou um tambor:
Batei com toda a força e rufai a primor!
Mostrai que tendes pulso e mãos desempenadas!
Que estremeçam casais, os muros e as estradas!
Estrondo proŕongado e forte e que sõe bem
Que saber de vós quero o que mais força tem!!

Leão Martins.